

Nos 50 anos de *L'Amour de L'Art*
Dívidas, Críticas e Desafios

José Soares Neves e Clara Frayão Camacho (organizadores)

NOS 50 ANOS DE *L'AMOUR DE L'ART*

DÍVIDAS, CRÍTICAS E DESAFIOS



LISBOA, 2020

© José Soares Neves e Clara Frayão Camacho (organizadores), 2020

José Soares Neves e Clara Frayão Camacho (organizadores)
Nos 50 anos de *L'Amour de L'Art*. Dívidas, Críticas e Desafios

Primeira edição: julho de 2020
Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-73-0
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso
Imagem da capa: Dia 19 de Maio de 2018, conversando acerca do São Pedro, Noite dos Museus,
DGPC/MNGV, Alexandra Pessoa
Revisão de texto: Ana Valentim
Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES-Iscte, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa,
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Notas biográficas.....	ix
<i>L'Amour de L'Art. A obra, o encontro</i>	1
<i>José Soares Neves e Clara Frayão Camacho</i>	
1 Uma outra “necessidade cultural”. O contacto com o luxo.....	11
<i>António Pinto Ribeiro</i>	
2 Sobre os contextos, temas e contributos de <i>L'Amour de l'Art</i> para a museologia contemporânea.....	17
<i>Clara Frayão Camacho e Graça Filipe</i>	
3 <i>L'Amour de l'Art</i>, uma ferramenta para uma reflexão histórico-simbólica sobre contextos atuais	33
<i>Margarida Lima de Faria</i>	
4 <i>L'Amour de l'Art</i> e os públicos de Museus Nacionais em Portugal. Perspetivas analíticas, ilustrações empíricas e desafios para as políticas.....	43
<i>José Soares Neves</i>	
5 Experiências da visita em museus. Motivações e perceções.....	59
<i>Alice Semedo, Rafaela Ganga e Célia Oliveira</i>	
6 E o amor pelos públicos? Notas a partir do estudo realizado no Museu Nacional de Soares dos Reis	79
<i>Helena Santos</i>	
7 Museus de arte e formação de públicos. Perspetiva crítica	91
<i>João Pedro Fróis</i>	

8	Do latim para o inglês. Mudanças, permanências e oportunidades perdidas em meio século, na relação dos museus (de arte) com os seus públicos	103
	<i>Luís Raposo</i>	

Índice de figuras e quadros

Figuras

3.1	Tipo de frequência por nível de instrução	38
3.2	Tipo de frequência por sexo	39
4.1	População portuguesa e públicos nacionais por grau de escolaridade (%)	48
4.2	Visitantes dos museus DGPC por tipo de entrada 2010-2015 (índice de base 100=2009)	50
5.1	Lugar de fração de classe dos inquiridos	65
5.2	Perfis de <i>identidade</i> dos inquiridos.....	66
5.3	Lugar de fração de classe por perfis de <i>identidade</i> dos inquiridos	67
5.4	Perfis de <i>identidade</i> por faixa etária.....	67
5.5	Principal motivação da visita	69
5.6	Tempo de visita.....	70
5.7	Frequência da visita por perfis motivacionais.....	71
5.8	Grau de satisfação com a visita.....	72
5.9	Avaliação da visita por expectativas e perfis motivacionais.....	73
5.10	Planos futuros por perfis motivacionais.....	74
6.1	Visitantes do MNSR, entre 2001 e 2016 (n.º)	84
7.1	Visit to a Museum	95
8.1	Visitantes dos museus portugueses 1961-201_- (milhões)	106
8.2	Visitantes a 14 museus nacionais portugueses, em 2014-15, e a museus de arte franceses, em 1965, conforme o grau de escolaridade (%).....	107
8.3	Museu Nacional de Arqueologia: visitantes (índice de base 100 em 1997) e exposições (n.º).....	112
8.4	Museu Nacional de Arqueologia. Inquérito a visitantes (2003 a 2007). Gráfico maior: portugueses; gráfico menor: estrangeiros (classes idênticas em ambos os gráficos)	113
8.5	Museu Nacional de Arqueologia: listagem de críticas e sugestões por ordem de portugueses, por ordem de frequência	113

Quadros

3.1	Perfis sociodemográficos de visitantes de museus e exposições de arte (%), França 2011	36
3.2	Distribuição dos inquiridos por tipo de frequência	38
4.1	Tipologia de posicionamentos para com a gratuidade (%)	51
4.2	Públicos no Plano Estratégico da DGPC 205-2019 (ilustrações).....	55

Notas biográficas

António Pinto Ribeiro é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando a equipa do projeto ERC “MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias”. Foi o comissário-geral da programação “Passado e Presente – Lisboa Capital Ibero-Americana da Cultura 2017”. Foi diretor artístico e curador responsável em várias instituições culturais portuguesas, nomeadamente da Culturgest e da Fundação Calouste Gulbenkian. Os seus principais interesses de investigação desenvolvem-se na área da arte contemporânea, especificamente africanas e sul-americanas e nos estudos de cultura. As suas últimas publicações têm por título *África, os quatro rios* (2015), *Miscelânea* (2015) e *Peut-on Décolonizer les musées?* (2019). Contacto: apintoribeiro@gmail.com.

Clara Frayão Camacho é doutorada em História (Universidade de Évora) e mestre em Museologia e Património (FCSH-UNL). Atualmente é técnica superior da Direção-Geral do Património Cultural. Dirigiu o Museu Municipal de Vila Franca de Xira (1983-1999), foi coordenadora da Rede Portuguesa de Museus (2000-2005) e subdiretora do Instituto Português de Museus (2005-2007) e do Instituto dos Museus e da Conservação (2007-2009). Docente de disciplinas de Museologia em Cursos de Pós-Graduação e Mestrado de várias universidades, autora de artigos sobre os museus portugueses e temas da Museologia Contemporânea, foi diretora da revista *Museologia.pt* e em 2019-2020 é coordenadora do Grupo de Projeto Museus no Futuro. No plano internacional tem participado em grupos de trabalho da Comissão Europeia e da UNESCO e tem exercido funções de representação institucional em organismos europeus e ibero-americanos. Contacto: claracamacho@dgpc.pt.

Graça Filipe é museóloga, docente convidada no mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigadora do Instituto de História Contemporânea da NOVA FCSH – Grupo ESPI (Economia, Sociedade, Património e Inovação), técnica superior da Câmara Municipal do Seixal. Dirigiu o Ecomuseu Municipal do Seixal entre 1989 e 2009, foi subdirectora do Instituto dos Museus e da Conservação (2009-2011) e técnica superior da CM de Tomar (2014-2015). É mestre em

Museologia e Património (2001, FCSH, UNL), licenciada em História (1980, Universidade Clássica de Lisboa) e pós-graduada em Museologia Social (1991, UAL). Contacto: gracafilipe@mail.telepac.pt.

Margarida Lima de Faria é licenciada em sociologia pela Universidade Nova de Lisboa é presentemente investigadora auxiliar do ISA – Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. Doutorou-se em Estudos Museológicos pela Universidade de Leicester, Reino Unido, em 1994. Dirigiu e lecionou a UC “Cultura e Desenvolvimento” do curso de Comunicação Cultural e Social da Faculdade de Ciências Humanas na Universidade Católica Portuguesa entre 1995 e 2005, tendo também sido docente de cursos de mestrado e pós-graduações dessa Universidade. Foi consultora da Rede Portuguesa de Museus na altura da sua fundação. É autora de uma série de artigos científicos sobre estudos de públicos tendo orientado vários estudos académicos nessa área. Em 2013 fez parte da equipa do estudo *Museus e Público Sénior em Portugal Percepções, Utilizações, Recomendações*, realizado pelo Grupo de Acessibilidades dos Museus (GAM) e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Contacto: margaridalf@isa.ulisboa.pt.

José Soares Neves é doutorado em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação (Iscte – Instituto Universitário de Lisboa). É investigador integrado no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) e professor no Departamento de Sociologia do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Foi investigador permanente e coordenador de projetos do Observatório das Atividades Culturais (OAC) durante a sua existência (1996 a 2013) e presidente do Grupo de Trabalho sobre Estatísticas da Cultura (GTEC) do Conselho Superior de Estatística (2006 a 2010). Investigador ou coordenador em diversos projetos nos campos da sociologia da arte e da cultura e das políticas culturais e nos domínios das indústrias culturais (música e livro), das artes do espetáculo, da leitura, dos museus e do património cultural. É diretor do Observatório Português das Atividades Culturais (OPAC) desde a criação em dezembro de 2018. Contacto: jose_soares_neves@iscte-iul.pt

Alice Semedo é professora associada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora integrada do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Leciona Unidades Curriculares em diferentes Ciclos de Estudos (Arqueologia, Ciência da Informação, História e Património, Museologia), tendo atuado como coordenadora da Secção de Museologia / Diretora do Mestrado (2003-13) e do Doutoramento em Museologia (2013 e 2018). Participou em diferentes projetos de investigação, editou, publicou, organizou conferências e orientou mais de 3 dezenas de Dissertações de Mestrado e 7 Teses de Doutoramento sobre tópicos relacionados com os seus interesses, tais como, as narrativas e os discursos museológicos, as identidades profissionais em museus, a criatividade nos museus e os espaços e práticas da mediação e educação, ou as missões de museus no mundo contemporâneo. Contacto: up236916@g.uporto.pt

Rafaela Ganga é Senior Research Fellow no Institute for Cultural Capital e Faculty of Health (Liverpool John Moores University – LJMU) no qual lidera um

portfólio de programas de investigação e consultoria em Políticas Culturais, Mega Eventos, Museologia e Saúde (2016-). Leciona, supervisiona e avalia nestas mesmas áreas no Instituto Superior de Serviço Social do Porto (2011-2015), Universidade do Porto (2013-2016), King's College (2018-) e LJMU (2019-). Reconhecida nacional e internacionalmente como European Commission Expert em Património Cultural Digital (2018), UK National Expert for UNESCO (2019-) e premiada com um Global Challenge Research Fund (2017) na área da Museologia, um Newton Fund Visiting Researcher UK-China (2018) na área da Saúde Digital. Licenciada em Ciências da Educação (FPCEUP-2006), doutorada em Sociologia (FLUP-2013) e pós-doutoranda em Teoria e Aprendizagem em Artes Visuais (USP-2015). Contacto: r.neivaganga@ljmu.ac.uk

Célia Oliveira é historiadora na *Casa de Sarmento – Centro de Estudos do Património* (Unidade Cultural da Universidade do Minho). Licenciada em História, variante de Arqueologia (UM – 2005) e mestre em Museologia (FLUP – 2013), as suas áreas de interesse abrangem a História da Arqueologia, História Local, História das Populações, Património e Museologia. É autora e coautora de vários capítulos de livros e de artigos científicos apresentados em congressos nacionais e internacionais, e publicados em revistas da especialidade. No âmbito da sua atividade profissional, participa em diversos projetos científicos, nomeadamente o projeto do Repositório Genealógico Nacional (RGN). Contacto: coliveira@csarmento.uminho.pt

Helena Santos é doutorada em Sociologia pela Universidade do Porto, é professora auxiliar da Faculdade de Economia, nas áreas de ciências sociais, metodologia e sociologia e economia da cultura. É membro do CITCEM (Universidade do Porto), e tem realizado investigação sobretudo no domínio da cultura e das políticas culturais, com projetos nas áreas do cinema, do teatro e dos museus, entre outros. Contacto: hsantos@fep.up.pt.

João Pedro Fróis é investigador e docente. Trabalhou com Hans J. Eysenck (Institute of Psychiatry, King's College) no âmbito da estética experimental (1992-1995). Coordenou o Programa Gulbenkian Investigação em Desenvolvimento Estético (1997-2004). Assessor da Fundação Gulbenkian (1997-2000). Foi docente na Universidade de Lisboa e investigador na Universidade Nova de Lisboa. Artigos publicados nas revistas: *Creativity Research Journal*, *Visual Arts Research*, *Journal of Aesthetic Education*, *Empirical Studies of the Arts*, *Curator: The Museum Journal*, *Raw Vision*, *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, *Culture & Psychology*, *Museologia-PT* e *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coordenou os projectos de Investigação: “Mediation and Meaning Making Strategies in Art Museums” (FCT-MCTES, 2008-2013) e “The Role of the Museum in the Education of Attitudes, Motivations, Emotions and Learning Processes of University Students” (parceria c/ Univ. of Roma Tre, 2011-2014). Membro do International Council of Museums (ICOM), da American Psychological Association (APA) e da International Association of Empirical Aesthetics (IAEA). Vice-presidente da IAEA (1977-2009) e seu Distinguished Fellow (2014). Research Affiliate, Centre for Phenomenological Psychology and Aesthetics, CPPA (Univ. of Copenhagen) (2018-). Interesses de investigação: Psicologia da Estética e das Artes, Educação

em Museus de Arte. [ORCID ID — <https://orcid.org/0000-0002-6624-3975>].
Contacto: simurg@mail.telepac.pt.

Luís Raposo é presidente do ICOM Europa (2016-presente); vice-presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (2014-presente); Responsável do Sector de Investigação do Museu Nacional de Arqueologia (2012-presente); director do Museu Nacional de Arqueologia (1996-2012); presidente da Associação Profissional de Arqueólogos (1998-2000); professor convidado do Departamento de História da FLUL (2005-2014); presidente do ICOM Portugal (2009-2014). Contacto: 3raposos@sapo.pt.

L'Amour de L'Art **A obra, o encontro**

José Soares Neves e Clara Frayão Camacho

Em 2016 completaram-se 50 anos sobre a publicação da primeira edição de *L'Amour de L'Art*, com o subtítulo *Les Musées et Leur Public*. Trata-se de uma obra marcante de vários pontos de vista. É um dos primeiros estudos de públicos dos museus (de arte) realizados na Europa, na derivação do foco nas coleções para o foco no acesso pelo “grande público”, ocorrida justamente nas décadas de 1960 e 1970. É uma referência pela pesquisa empírica, pelo desenho metodológico do inquérito e pela perspetiva crítica do objetivo político da democratização, emergente em França com a criação do Ministério dos Assuntos Culturais em 1959. É igualmente marcante pela articulação entre as políticas públicas para a cultura e a pesquisa sociológica. É, provavelmente, uma das mais conhecidas obras sociológicas entre os museólogos. É ainda hoje uma obra de base das bibliografias sobre museus e sobre públicos em cursos académicos.

Por tudo isto, considerámos que seria oportuno desafiar um conjunto de colegas de diversas áreas disciplinares, tendo naturalmente em comum os museus como terreno da prática profissional, da investigação e da docência, para um encontro cujo pano de fundo é esta obra.¹ Na verdade, tratou-se de um duplo desafio: primeiro o encontro, depois o livro, este livro. Os textos aqui reunidos retomam a maioria das comunicações apresentadas no Encontro Nos 50 Anos de *L'Amour de L'Art: Dívidas, Críticas e Desafios*, realizado a 24 de novembro de 2016 no ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, em parceria com a Direção-Geral do Património Cultural e o Instituto de História da Arte da FCSH-NOVA.

Formulámos então três grandes objetivos para o encontro — que, de certo modo, estão sintetizados no subtítulo *dívidas, críticas e desafios*: atualização crítica dos contributos de Bourdieu sobre públicos de museus de arte; identificação dos

1 Uma nota para referir dois anteriores colóquios realizados em Portugal sobre Bourdieu: o “Colóquio Memória e Actualidade — Diálogos com a Obra Científica de Pierre Bourdieu”, cujas atas foram publicadas num dossiê do número 9/10 da revista *Fórum Sociológico*, com organização de Luís Baptista e João Sedas Nunes (2003); e o colóquio “Pierre Bourdieu, a Teoria da Prática e a Construção da Sociologia em Portugal”, organizado por José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira, cujos contributos foram também publicados (2007).

caminhos percorridos e dos desafios a enfrentar nas pesquisas sobre públicos de museus; problematização da matriz de Bourdieu à luz das políticas públicas para a cultura.

Tal como referimos na apresentação do encontro, se a vertente das procuras dos museus é central, importa, entretanto, ter igualmente em conta a vertente das ofertas, bem como as evoluções entretanto ocorridas com implicações em ambas. Entre as muitas transformações que aconteceram no último meio século, salientamos três, relacionadas com os temas de *L'Amour de L'Art*: o crescimento em número e a diversificação tipológica dos museus; as alterações nas práticas profissionais e nas políticas públicas; o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação, da sociedade em rede, do digital. Nesse sentido, não é tanto, ou não é sobretudo, um livro sobre esta obra ou sobre Bourdieu, mas um conjunto de reflexões que a toma como ponto de partida para pensar os desenvolvimentos atuais nas relações entre museus e públicos.

Assim, a propósito dos 50 anos de *L'Amour de L'Art* cruzam-se perspectivas teóricas e empíricas da sociologia e da museologia sobre os museus e os públicos dos museus, com ênfase em terrenos situados na realidade portuguesa.

Falar do cinquentenário da obra é, naturalmente, como atrás dissemos, ter como referência a primeira edição, publicada em França em 1966 com o título *L'Amour de L'Art — Les Musées et Leur Public*.² Uma segunda edição, revista e aumentada, foi depois publicada em 1969, com um título acrescido relativamente à especificação dos museus sobre os quais incidia: *L'Amour de L'Art — Les Musées d'Art Européens et Leur Public*.³ Esta é a edição mais citada e a que mereceu enorme difusão internacional a partir da década seguinte em diversas línguas. Alguns exemplos: em 1972 para italiano,⁴ em 1990 e 1991 para inglês (com o título *The Love of Art. European Art Museums and Their Public*⁵) e com as autorias anteriores estendidas a Dominique Schnapper, nas duas edições francesas “apenas” referida no prefácio como colaboradora de Bourdieu na direção geral da pesquisa. Já no século XXI, foi traduzida em 2004 para espanhol e em 2011 para turco.⁶ Só em 2007 foi traduzida para língua portuguesa, em edição brasileira com o título *O Amor pela Arte. Os Museus de Arte na Europa e Seu Público*.⁷ Não há qualquer edição em Portugal.

-
- 2 Bourdieu, Pierre e Alain Darbel (1966), *L'Amour de L'Art: Les Musées et Leur Public*, Paris, Les Éditions de Minuit (sobre museus franceses).
- 3 Bourdieu, Pierre e Alain Darbel (1969[1966]), *L'Amour de L'Art: Les Musées D'Art Européens et Leur Public*, Paris, Les Éditions de Minuit (sobre museus da Grécia, Polónia, Holanda, Espanha e Itália, para além de França).
- 4 Tradução para italiano (1972) com o título *L'Amore dell'Arte: le Leggi della Diffusione Culturale. I Musei d'Arte Europei e il Loro Pubblico*, Rimini, Guaraldi.
- 5 Bourdieu, Pierre, Alain Darbel, e Dominique Schnapper (1990[1969]), *The Love of Art. European Art Museums and Their Public*, Stanford, Stanford University Press e, em 1991, Polity Press (Cambridge e Malden).
- 6 Bourdieu, Pierre e Alain Darbel (2004), *El Amor al Arte. Los Museos y Su Público*, Barcelona, Paidós; Bourdieu e Darbel (2011), *Sanat Sevdasi & Avrupa Sanat Müzeleri ve Ziyaretçi Kitlesi*, Istanbul, Metis.
- 7 Bourdieu, Pierre e Alain Darbel com a colaboração de Dominique Schnapper (2007[1969]), *O Amor pela Arte. Os Museus de Arte na Europa e Seu Público*, São Paulo, EDUSP e ZOUK.

A pesquisa empírica sobre os públicos, na qual a obra se sustenta, foi realizada em 1964/1965 e a primeira edição dos resultados data, como referido, de 1966. Mas noutros textos Bourdieu antecipa, ou retoma, as conclusões de *L'Amour de L'Art* (Darras, 1966; Bourdieu, 2010[1964]). No texto de 1966 reafirma uma das suas principais teses: na base das desigualdades culturais estão as desigualdades escolares. Trata-se de uma intervenção num encontro, organizado com Alain Darbel, que decorreu em junho de 1965 sobre as transformações da sociedade francesa e o alargamento das desigualdades após a Segunda Guerra Mundial, com a participação de sociólogos e de economistas.

Em Portugal, a influência teórico-metodológica da obra (mais precisamente da 2.^a edição) na investigação sobre públicos parece manifestar-se apenas em meados da década de 1980, no trabalho de Isabel Moreira *Galerias de Arte e o Seu Público* (Moreira, 1985). De então para cá, a obra tem estado presente em vários estudos que, entretanto, foram realizados nas áreas da sociologia e da museologia, parte deles por autores deste livro.

Ainda a este propósito importa ter presente que no nosso país os estudos sobre públicos de museus são tardios e o acervo disponível ainda modesto, muito embora sejam de salientar os contributos de diversas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas, em particular trabalhos de mestrado e de doutoramento em que é visível uma dinâmica assinalável quanto aos objetos de estudo e às temáticas abordadas.

Em qualquer caso, a perspetiva de Bourdieu teve larga influência nos estudos de públicos — e não apenas dos públicos dos museus — e de consumos culturais realizados em Portugal (Abreu, 2004: 82-83), incluindo em inquéritos à população (Silva e Santos, 1995: 22; 27).

Do ponto de vista da sociologia, é uma obra seminal que marca o início da pesquisa moderna, teoricamente informada (DiMaggio, 1996: 84), da sociologia da arte (Heinich, 1999[1986]; 2001), da cultura (Donnat, 1996) e da (mais recente) sociologia dos museus (Kirchberg, 2016).

L'Amour de L'Art situa-se, de certo modo, na encruzilhada entre as preocupações de política pública com a democratização do acesso aos museus e a necessidade de conhecer as características dos seus frequentadores de modo a que se afira a eficácia desse objetivo.⁸ Como refere Paul DiMaggio, os museus de arte, produto do “entusiasmo democrático” pela expropriação das coleções de arte nas revoluções sociais

8 A necessidade de conhecimento da composição social dos públicos, manifesta nos museus (e em França), abrangeu outros domínios e outras latitudes nos anos 1960. Com efeito, nesta década foram realizados vários estudos — aliás também publicados no ano de 1966 — de que são exemplo, para além de *L'Amour de L'Art* quanto aos museus de arte em França e outros países europeus, as artes do espetáculo nos EUA e Inglaterra (Baumol e Bowen, 1966: 71-97) e o teatro em Inglaterra (Mann, 1966). Note-se a proximidade dos resultados dos perfis sociais dos públicos, confirmando, em várias latitudes, a afirmação de que “tudo parece indicar que as leis que regem a frequência dos museus são válidas também para as outras práticas culturais” (Bourdieu e Darbel, 1969[1966]: 51) (no original: “tout semble indiquer que les lois qui régissent la fréquentation des musées valent aussi pour les autres pratiques culturelles”, tradução livre dos autores).

na Europa, tornaram-se na primeira metade do século XX “santuários” dos “profissionais académicos” que os Estados designaram como seus administradores, mas na segunda metade foram pressionados a prestar maior atenção aos públicos (DiMaggio, 1996: 81).

De um outro ângulo, o estudo de Bourdieu e Darbel insere-se numa fase de crítica social da cultura institucional (Fyfe, 2006), dos gostos estéticos supostamente “naturais” e dos interesses dos privilegiados, de contextualização de todas as formas culturais, incluindo os valores subjacentes à “alta” cultura (Hanquinet e Savage, 2016: 3). A obra esteve na origem de um dos principais desafios da sociologia da cultura, o de mostrar, “contra a ideologia carismática, o princípio, tão patente quanto escondido, das desigualdades perante a cultura” (Bourdieu e Darbel, 1966: 147), na base das quais está mais o capital cultural do que o económico, “uma bomba”, segundo João Teixeira Lopes, citando Fleury (2002: 34), ao revelar que os “obstáculos ao acesso à cultura revelam ser de natureza simbólica e não material” (Lopes, 2007: 81).⁹

Nesta perspetiva, a obra definiu como objetivo principal dos inquéritos a identificação dos fatores que determinam, favorecendo ou entretendo, o acesso à cultura e à arte, lembrando os obstáculos materiais e simbólicos que qualquer política cultural enfrenta (Donnat, 1996: 16).

Marcou também uma rutura com a perspetiva culturalista até então prevalente (Rodríguez, 1967). Nela se manifesta aquela que é uma das principais virtudes de Bourdieu — a articulação densa entre teoria e empiria (Costa, 2007) — o que aliás se coaduna bem com a asserção de que a sociologia dos museus (de que os públicos constituem uma das vertentes) é uma teoria de médio alcance (Merton, 1970[1968]), ou seja, uma sociologia que rejeita tanto a “pura teoria” como a “pura empiria” (Kirchberg, 2016: 232-233), na qual teve grande influência o inquérito estatístico (por via do sociólogo norte-americano Paul Lazarsfeld) de que Bourdieu foi o principal iniciador no mundo da cultura (Heinich, 2001: 47).

Ainda assim, será, porventura, uma obra menor — o próprio Bourdieu viria a distanciar-se dela (Dubois, 2011) — relativamente a outras, posteriores, como *Les Héritiers* (Bourdieu e Passeron, 1970) e *La Distinction* (Bourdieu, 1979), mas com forte influência, que ainda se manterá, no conhecimento e na formação das áreas disciplinares que se debruçam sobre os museus, e que está refletida nas diversas edições e traduções, parte delas atrás aludidas.

Embora a principal nota seja de celebração desta obra, dos seus contributos para o conhecimento dos públicos dos museus e, mais genericamente, da relação dos indivíduos com as instituições culturais, temos igualmente em conta as críticas que suscita e os desafios que coloca.

Entre os principais contributos, será talvez de destacar a chamada de atenção para os determinantes sociais, não inatos, do gosto e da relação com a arte e os museus e, entre aqueles, em particular a escola e a família. Esta chamada de atenção para as desigualdades sociais no acesso, não apenas aos museus, mas mais genericamente à

9 No original: “contre l’idéologie charismatique, le principe à la fois patent et caché des inégalités devant la culture” (tradução livre dos autores).

cultura, cultivada, legítima, é afirmada num outro texto atrás referido (Bourdieu, 1966), em que destaca as desigualdades escolares. Como salienta Lahire, *L'Amour de L'Art* mostrou bem que a apropriação da cultura cultivada (“letrada”) supõe um certo nível de educação escolar, o que se continua a verificar (2011: 16).

A obra é também um contributo para a reflexão sobre a democratização da cultura (conceito que atravessa a generalidade dos textos), numa perspetiva crítica que salienta os seus limites, sintetizada na frase muito conhecida que abre a apresentação do estudo: “o acesso aos tesouros artísticos está, ao mesmo tempo, aberto a todos e interdito, na realidade, à maioria” (Bourdieu e Darbel, 1966).¹⁰

Avançando com propostas na área das exposições, Bourdieu enfatiza a importância da mediação em museus, e desde logo dos textos de enquadramento e das legendas nas obras (até então praticamente ausentes), para evitar, ou pelo menos minimizar, a exclusão das “classes populares”, ou, de um modo mais geral, dos não conhecedores.

Importa ainda mencionar a desconstrução da ideia implícita, tendo por base apenas os números das entradas, das bilheteiras, de um público homogéneo, com a identificação de segmentações internas, justificando, assim, o uso do termo no plural: “porque o público monolítico não existe, um descrédito sociológico condena o uso do singular como uma ingenuidade do senso comum: não há público, mas públicos” (Fleury, 2006: 31).¹¹

Mas se *L'Amour de L'Art* permite avançar na complexificação da noção de público(s), parece, simultaneamente, simplificar uma outra vertente da sua composição. De facto, entre as perspetivas críticas a *L'Amour de L'Art*, está o entendimento de que os *amantes da arte* (ou a *classe cultivada*) não constituem um grupo homogéneo. Ao contrário das conclusões dos autores, o estudo mais minucioso dos públicos permite afinal identificar novas segmentações sociais, como mostra Hanquinet com a “tipologia de perfis sociais”, correspondendo os *amantes da arte* a um entre outros tipos de públicos (Hanquinet, 2014).

Também a sobrevalorização das competências escolares na determinação da relação com os museus é discutível, uma vez que essas *competências* não correspondem necessariamente a *apetências* (pela relação com os museus e a cultura) (Costa, 2004: 128-129), ideia que, apesar de tudo, os autores reconhecem, embora parcialmente, porque aplicada apenas à frequência *assídua* dos museus (Bourdieu e Darbel, 1969[1966]: 43).

Outro contributo para a discussão da centralidade atribuída à escolaridade advém da sociologia da receção artística, focada na relação individual com cada obra de arte (Passeron e Pedler, 1999). Uma premissa central do livro, o gosto como única motivação para a visita, foi questionada perante a identificação de outras motivações, bem mais prosaicas, como por exemplo acompanhar alguém (amigo,

10 No original “L'accès aux trésors artistiques est à la fois ouvert à tous et interdit en fait au plus grand nombre” (tradução livre dos autores).

11 No original: “parce que le public monolithe n'existe pas, un discrédit sociologique condamne l'emploi du singulier comme une naïveté du sens commun: il n'existe pas un public mas des publics....” (tradução livre dos autores).

familiar), como mostrou Bernard Lahire na sua sociologia dos consumos culturais dissonantes à escala individual (Lahire, 2005; 2008).

Noutras abordagens dos públicos dos museus — designadamente a abordagem pragmática de John Falk (Falk, 2011) — a perspetiva sociológica, em particular a de Bourdieu e, ainda que indiretamente, a de *L'Amour de L'Art*, sobre as formas de capital (Bourdieu, 1986), é considerada uma “filosofia esotérica de análise do papel sociopolítico dos museus na sociedade e da legitimidade ou ilegitimidade das fontes de poder e de autoridade dos museus” (Falk, 2009: 37).¹²

A releitura da obra de Bourdieu à luz da contemporaneidade levanta um sem-número de desafios e de interrogações prospetivos. Um deles, como atrás aludimos, refere-se aos limites do objetivo da democratização no acesso à cultura cultivada, objetivo que permanece como uma das grandes orientações de política cultural, apesar do balanço “cruel” que os vários estudos, no dizer de Olivier Donnat (Donnat, 1994: 366-368), sustentam, dado não ter logrado um alargamento significativo das categorias sociais dos participantes. Outro desafio, repetidamente tratado em *L'Amour de L'Art*, é a relação dos museus e dos “conservadores” de museus com os públicos ainda que revisitada sob as roupagens da mediação e das alterações profissionais entretanto ocorridas.

Olhando para a evolução dos museus e tendo naturalmente em conta as dívidas, críticas e desafios que suscita, *L'Amour de L'Art* constitui, assim, um importante legado de conhecimento e simultaneamente matéria de reflexão para a continuação da pesquisa sobre as relações dos indivíduos com as instituições museais, designadamente no contexto português. A realização do encontro procurou, justamente, trazer novos contributos para essa reflexão que os textos reunidos neste livro espelham.

No texto “Uma outra necessidade cultural: o contacto com o luxo”, António Pinto Ribeiro parte da grelha conceptual de Bourdieu e Darbel, para ver depois como operou na sociologia das artes, entre a sua adequação para pensar as artes nas sociedades contemporâneas e como ponto de partida para outras grelhas conceptuais. Tendo presente a função primordial da escola, defendida pelos autores, discute conceitos como “necessidade cultural”, “capital cultural nacional” (a que contrapõe a noção de “capital da cidade”), “competência artística” e “distinção”.

Clara Frayão Camacho e Graça Filipe, no texto intitulado “Sobre os contextos, temas e contributos de *L'Amour de L'Art* para a museologia contemporânea”, colocam-nos perante as relações que “se podem estabelecer entre a museologia dos anos 1960 e o estudo sociológico sobre os públicos dos museus de arte”. Propõem então uma revisitação de *L'Amour de L'Art* com dois objetivos principais: 1) contextualizar a obra na sua época, convocando diversos planos (histórico, institucional e conceptual), por um lado, e a bibliografia utilizada, os temas e autores “presentes e ausentes”, por outro; e 2) trazer à reflexão temas e conceitos do campo museal a debater “em continuidade ou em rutura” com os contributos daquela obra. A abordagem crítica,

12 No original: “esoteric philosophical analysis of the socio-political role of museums in society and the legitimacy or illegitimacy of museum's sources of power and authority” (tradução livre dos autores).

“sob um olhar histórico e museológico”, procura assim avançar um quadro de tendências e identificar continuidades e ruturas.

Margarida Lima de Faria, em *“L’Amour de L’Art — uma ferramenta para uma reflexão histórico-simbólica sobre contextos atuais”*, destaca a dimensão epistemológica da obra — e não tanto a sua dimensão política — uma vez que pode constituir, com vantagem, uma “ferramenta para a análise das condições de receção cultural” em diversas “geografias e temporalidades”, designadamente em Portugal, o que faz a partir dos resultados de um estudo a públicos seniores de museus.

José Soares Neves, no seu texto *“L’Amour de L’Art e os públicos de Museus Nacionais em Portugal: perspetivas analíticas, ilustrações empíricas e desafios para as políticas”*, propõe-se debater o “legado teórico, metodológico e analítico” da obra à luz dos resultados de uma outra pesquisa empírica sobre a realidade portuguesa, neste caso o Estudo de Públicos de Museus Nacionais, em três vertentes: os perfis sociais predominantes, a influência do custo de entrada no acesso e os textos sobre os objetos expostos. Considerando a necessidade de articular pesquisa com intervenção, avança dois conceitos suscetíveis de beneficiar dessa articulação: *planeamento estratégico e desenvolvimento de públicos*.

Alice Semedo, Rafaela Ganga e Célia Oliveira, no texto *“Experiências de visita em museus: motivações e perceções”*, destacam a importância de os profissionais e os investigadores apoiarem a “criação de uma cultura de melhoria contínua, de planeamento e de gestão estratégica de recursos que informe os desenvolvimentos futuros” dos museus. Partindo de alguns dos contributos de *L’Amour de L’Art*, adiantam resultados de uma investigação informada pelo modelo teórico de motivação e de identidade multidimensional — que vem sendo trabalhado e aplicado por John Falk e colegas — aos visitantes de dois museus e um monumento, o Paço dos Duques, o Museu Abade de Baçal e a Igreja do Mosteiro de Leça do Balio.

Helena Santos, em *“E o amor pelos públicos? Notas a partir do estudo realizado no Museu Nacional de Soares dos Reis”*, revisita um estudo de duração “pouco vulgar” como a autora faz notar (entre 2007 e 2014) que coordenou com José Varejão no âmbito de uma parceria entre o Instituto dos Museus e da Conservação e a Faculdade de Economia do Porto e que visou as práticas e as dinâmicas de um museu público, justamente o Museu Nacional de Soares dos Reis. Trata-se aqui de uma abordagem multidimensional da gestão do museu, sem se limitar aos visitantes, e que retoma os legados de *L’Amour de L’Art* — designadamente quanto aos limites da democratização da cultura — mas situando-os no contexto dos desenvolvimentos teóricos entretanto ocorridos na sociologia da cultura.

Em *“Museus de arte e formação de públicos: perspetiva crítica”*, João Pedro Fróis enquadra o seu percurso na área da psicologia social, e em específico na “psicologia da receção das artes visuais e idiosincrasias dos públicos de museus de arte”. Tendo presente, apesar disso, ou também por isso, os contributos teóricos de Bourdieu e de *L’Amour de L’Art* e, de um modo mais lato, da sociologia da cultura e dos públicos, analisa o contexto português na ótica da mediação em museus. Sinalizadas as que considera serem as relações “primordiais” entre os museus de arte e as escolas, enumera as condições e os problemas que importa ter em conta nas práticas de mediação em Portugal.

A fechar, Luís Raposo, com “Do latim para o português. Mudanças, permanências e oportunidades perdidas em meio século, na relação dos museus (de arte) com os seus públicos”, propõe um balanço “algo provocatório” do meio século passado sobre a publicação do livro, tom que considera o mais adequado perante a “grandeza e intencionalidade da obra”. Coloca-nos assim perante a questão de verificar se os “chamados ‘públicos da cultura’ mudaram em Portugal relativamente ao que então se observava na Europa” na sua composição social. Para a sua discussão recorre a estatísticas oficiais e a estudos de públicos, designadamente os realizados no Museu Nacional de Arqueologia.

Agradecimentos

A terminar, queremos deixar os nossos agradecimentos aos oradores do encontro, em particular aos que aceitaram o desafio desta publicação, mas também aos que, por razões diversas, não puderam participar no livro: a Laurie Hanquinet, a Manuel Bairrão Oleiro, a Raquel Henriques da Silva e aos três intervenientes da mesa-redonda “Instituições”: Joana Sousa Monteiro, António Carvalho e José Alberto Ribeiro.

Agradecimentos que são, naturalmente, extensíveis a todos os que tornaram possível o encontro e esta publicação:

Aos membros da Comissão Científica — João Sebastião, António Firmino da Costa e Patrícia Ávila, do CIES-IUL, e Raquel Henriques da Silva e Lúcia de Almeida Matos, do IHA/NOVA — por terem aceitado este desafio e pela sua ativa participação no encontro.

Às coordenadoras dos dois mestrados da Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE-IUL que apoiaram o encontro — Maria João Vaz (mestrado em Estudos e Gestão da Cultura) e Rita Espanha (mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) — e a edição da presente obra pela Mundos Sociais.

Agradecemos também aos que, nas três instituições organizadoras, mais de perto colaboraram na preparação e realização do encontro: no CIES-IUL, Raquel Cruz e Daniela Santos; no IHA, Ana Paula Louro; na DGPC, Nuno Fradique.

Agradecimentos são também devidos ao Jorge Santos e à Teresa Moura Pereira pela colaboração na preparação do encontro, bem como às estudantes do MEEC Joana Camacho, Ingrid da Matta e Carlota Pignatelli, e ainda à Maria João Lima, investigadora do CIES-IUL, pelo apoio na realização do encontro.

Agradecemos ainda o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Direção-Geral do Património Cultural.

Referências bibliográficas

Abreu, Paula (2004), “Ouvir, comprar, participar... Acerca da reciprocidade cumulativa das práticas musicais” em AAVV, *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 77-92.

- Batista, Luís e João Sedas Nunes (orgs.) (2003), "Dossier: Pierre Bourdieu — Memória e Atualidade", *Forum Sociológico*, 9/10, pp. 9-132.
- Baumol, W. J e W. G. Bowen (1966), *Performing Arts: the Economic Dilemma. A Study of Problems Common to Theater, Opera, Music and Dance*, Aldershot, Burlington, Singapura, Sydney, Ashgate.
- Bourdieu, Pierre (1966), "L'inégalité devant l'école comme principe de l'inégalité devant la culture" em Darras, *Le Partage des Bénéfices. Expansion et Inégalités en France*, Paris, Les Éditions de Minuit, pp. 409-420.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction: Critique Social du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1986), "The forms of capital" em Richardson, J. G. (ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, Nova Iorque, Greenwood Press, pp. 241-258.
- Bourdieu, Pierre (2010[1964]), em Bourdieu, Pierre, *El Sentido Social del Gusto*, México DC e Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, pp. 43-49.
- Bourdieu, Pierre e Alain Darbel (1969[1966]), *L'Amour de L'Art: Les Musées D'Art Européens et Leur Public*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre e Jean-Claude Passeron (1970), *La Reproduction: Éléments pour Une Théorie du Système d'Enseignement*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Costa, António Firmino da (2007), "Os desafios da teoria da prática à construção da sociologia" em Pinto, José Madureira e Virgílio Borges Pereira (orgs.), *Pierre Bourdieu: a Teoria da Prática e a Construção da Sociologia em Portugal*, Porto, Afrontamento, pp. 15-30.
- Costa, António Firmino da (2004), "Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação", em AAVV, *Públicos da Cultura*, Lisboa, OAC, pp. 121-140.
- Darras (1966), *Le Partage des Bénéfices. Expansion et Inégalités en France*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- DiMaggio, Paul (1996), "Introduction", *Poetics*, 24, pp. 81-86.
- Donnat, Olivier (1994), *Les Français Face à la Culture: de l'Exclusion à l'Éclectisme*, Paris, La Découverte.
- Donnat, Olivier (1996), "Les enquêtes de public et la question de la démocratisation", em Baillargeon, Jean-Paul (dir.), *Les Publics du Secteur Culturel: Nouvelles Approches*, Quebeque, IQRC/PUL, pp. 9-19.
- Falk, John H. (2009), *Identity and the Museum Visitor Experience*, Walnut Creek, Left Coast Press.
- Falk, John H. (2011), "Contextualizing Falk's identity-related visitor motivation model", *Visitor Studies*, 14 (2), pp. 141-157.
- Fleury, Laurent (2002), "Le pouvoir des institutions culturelles: les deux révolutions du TNP et du Centre Pompidou" em Fourteau, Claude (dir.), *Les Institutions Culturelles au Plus Près du Public*, Paris, La Documentation Française, pp. 31-49.
- Fleury, Laurent (2006), *Sociologie de la Culture et des Pratiques Culturelles*, S/local, Armand Colin.
- Fyfe, Gordon (2006), "Sociology and the social aspects of museums" em Macdonald, Sharon (ed.), *A Companion to Museum Studies*, Malden, Oxford, Victoria, Blackwell, pp. 33-48.

- Hanquinet, Laurie (2014), *Du Musée aux Pratiques Culturelles. Enquête sur les Publics de Musées d'Art Moderne et Contemporain*, Bruxelles, Editions de L'Université de Bruxelles.
- Hanquinet, Laurie e Mike Savage (2016), "Contemporary challenges for the sociology of art and culture: an introductory essay", em Hanquinet, Laurie e Mike Savage (eds.), *Routledge International Handbook of the Sociology of Art and Culture*, Londres e Nova Iorque, Routledge, pp. 1-18.
- Heinich, Nathalie (1999[1986]), "La sociologie et les publics de l'art" em Moulin, Raymonde (dir.), *Sociologie de L'Art*, Paris, L'Harmattan, pp. 267-278.
- Heinich, Nathalie (2001), *La Sociologie de L'Art*, Paris, La Découverte.
- Kirchberg, Volker (2016), "Museum sociology" em Hanquinet, Laurie e Mike Savage (eds.), *Routledge International Handbook of the Sociology of Art and Culture*, Londres e Nova Iorque, Routledge, pp. 232-246.
- Lahire, Bernard (2005), "Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 11-42.
- Lahire, Bernard (2008), "The individual and the mixing of genres: cultural dissonance and self-distinction", *Poetics*, 36 (2-3), pp. 166-188.
- Lopes, João T. (2007), *Da Democratização à Democracia Cultural. Uma Reflexão sobre Políticas Culturais e Espaço Público*, Porto, Profedições.
- Mann, P. H. (1966), "Surveying a theatre audience: methodological problems", *The British Journal of Sociology*, 17(4), pp. 380-387.
- Merton, Robert K. (1970[1968]), "Sobre as teorias sociológicas de médio alcance", em Merton, Robert K., *Sociologia — Teoria e Estrutura*, São Paulo, Mestre Jou, pp. 51-83.
- Moreira, Isabel M. Martins (1985), *Galerias de Arte e seu Público*, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância.
- Passeron, Jean-Claude e Emmanuel Pedler (1999), "Le temps donné au regard. Enquête sur la réception de la peinture", *Protée*, 27 (2), pp. 93-116.
- Pinto, José Madureira e Virgílio Borges Pereira (orgs.) (2007), *Pierre Bourdieu: a Teoria da Prática e a Construção da Sociologia em Portugal*, Porto, Afrontamento.
- Rodriguez, Régine (1967), "Pierre Bourdieu et Alain Darbel, L'Amour de 'L'Art: les Musées et Leur Public', Éditions de Minuit, 1966", *L'Homme et la Société*, 3 (1), pp. 220-222.
- Silva, Augusto Santos e Helena Santos (1995), *Prática e Representação das Culturas: Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, CRAT.